

Presidente condena os excessos, diz Montoro

No encontro de 30 minutos com o governador Franco Montoro, no hotel Ca d'Oro, o presidente Figueiredo, além de prometer respeito às regras da sucessão, repetiu sua condenação a radicalismos na campanha. "Ficou implícita na conversa a desaprovação de excessos que possam ser praticados de qualquer dos lados. O interesse que toda a população brasileira tem é de que a sucessão ocorra normalmente, sem excessos ou radicalizações", afirmou Montoro. O governador disse ter saído da audiência convicto de que "quem ganhar no colégio eleitoral, leva". Ele também confirmou que pretende manter o comício de São Paulo, em favor de Tancredo Neves, apesar das críticas às concentrações feitas anteontem por Figueiredo.

Montoro visitou o presidente em companhia do secretário de Governo, Roberto Gusmão, e colocou à sua disposição tudo o que ele necessitar enquanto permanecer em São Paulo fazendo tratamento para as dores na coluna. À saída do encontro, o governador deu uma entrevista à imprensa, relatando parte da conversa que tivera com Figueiredo:

"Não falamos sobre o comício de Goiânia. Falou-se em geral sobre a conveniência do prosseguimento da campanha sucessória em termos de respeito à dignidade de cada um e principalmente de respeito à Nação, que quer uma sucessão tranquila."

O sr. entendeu que o pronunciamento de quarta-feira do presidente teve endereço certo?

Nós não conversamos sobre o discurso de ontem (anteontem). Há algumas referências diretas que representam o ponto de vista do presidente, mas a linha geral de seu pronunciamento e a sua posição reafirmada é o desejo de que se complete com normalidade este período de sucessão presidencial no País.

A fala do presidente deixou a oposição preocupada?

Não fiz análise desse pronuncia-

mento em todos os seus detalhes. O melhor é ficarmos nos aspectos positivos e destacar as coincidências. Acho que todos os brasileiros têm interesse em que esta campanha se desenvolva de forma a que, no prazo previsto na Constituição, se dê com plena normalidade a substituição do presidente da República.

O sr. acha que o enfraquecimento da candidatura Maluf destabiliza a sucessão presidencial?

Não. O enfraquecimento dessa candidatura é uma mostra de que ele perderá. É preciso que todos tenham as qualidades e a sensatez de aceitar a vitória ou a derrota.

Como encontrou o presidente Figueiredo?

Eu o achei bem disposto. Ele está evidentemente com um tratamento de certa forma doloroso, mas parece que do ponto de vista de saúde ele está no caminho realmente certo e encontrou a chave dos males de que padecia. Está entregue às mãos de um homem da maior competência.

O sr. disse que no campo da saúde o presidente está no caminho certo. E no terreno político?

Eu não tratei disso. O fato de eu dizer isso sobre a saúde é porque eu me referia à saúde dele. No campo político, nós temos algumas divergências. Ele adota uma candidatura, eu adoto outra. Eu acho que a minha é melhor.

Ele estava bem-humorado?

Foi uma audiência em termos respeitosa. Sempre houve um bom entendimento, apesar das diferenças partidárias e de posições políticas que muitas vezes nos separaram. Nós sempre temos mantido um clima de bom entendimento. Todas as vezes que o interesse de São Paulo exigiu, eu fui ao Palácio do Planalto levar as reivindicações e elas foram examinadas sempre com muita objetividade.

A campanha da Aliança Democrática será alterada depois do pronunciamento do presidente?

Eu posso falar a respeito do nos-

so PMDB de São Paulo. O caminho de manifestações públicas de apoio ao nosso candidato para reforçar o sentido popular e o apoio da população à candidatura de Tancredo Neves vão prosseguir e isto é de interesse não apenas da candidatura, é de interesse do Brasil.

O sr. aponta um ponto positivo no que o presidente falou à Nação?

Eu comecei por afirmar que, no ponto fundamental, há uma tese que é do interesse de toda a Nação e que foi recebida com aplauso: é de que o processo democrático deve prosseguir e respeitadas as decisões dos órgãos fixados pela Constituição.

Em sua fala, o presidente fez uma referência aos partidos clandestinos nos comícios. Eles continuarão a ser convidados para participar dos comícios?

Existe hoje, como existiu sempre no passado, uma chamada indústria do anticomunismo. Quem quiser pintar a campanha e a candidatura de Tancredo Neves de comunista, de pseudocomunista, ou de criptocomunista, estará evidentemente usando de um artifício com um interesse que não é o interesse da Nação e sem nenhum respeito à verdade. Eu inclusive, quando candidato, recebi várias acusações nesse sentido. Houve um folheto até com minha caricatura, com a minha fotografia, e emblema da foice e o martelo.

O sr. não teme a presença desses partidos chamados clandestinos nos comícios?

O que existe é uma exploração, e até intencional. Há cartazes elaborados e não é de hoje. Mesmo no passado, quem fizer uma consulta aos jornais da época das outras campanhas vai verificar que essa acuação foi feita a candidatos à Presidência da República, a candidatos a governador, na falta de melhor argumento. Não merece maior consideração ou maior insistência. São suspeitos aqueles que fazem essas afirmações.